

As Santas Relíquias da Paixão

Os caminhos percorridos pelas relíquias mais conhecidas e estudadas cientificamente

A relíquia mais conhecida e mais discutida é, sem dúvida, o Sudário de Turim. Ao lado dele, o Sudário de Oviedo completa o testemunho da Paixão de Jesus, juntamente com a pouco conhecida Santa Túnica de Argenteuil, que é também uma relíquia Mariana.

Página 3

Nossa Senhora das Dores

Estava a Mãe dolorosa
Ao pé da cruz lacrimosa,
E o filho pendente dela.
Dura espada lhe rasgava
Com dor, tristeza e gemidos
A alma pura e lha ensopava
Oh! Quão triste, quão aflita!
Foi a donzela bendita,
Mãe do Unigênito Filho!
Dor e angústia a possuía,
E toda trêmula via
As penas do ínclito Filho.
Que homem ali não chorara,
Se a Mãe do Cristo observara,
Padecendo tal suplício!
Que peito não se partira,
Quando a Mãe piedosa vira
Com seu Filho suspirando!
Porque o povo delinqüiu,
Jesus em tormentos viu
Sofrendo cruéis flagelos.
Viu o Filho seu amado,
Morrendo desamparado,
Lançar o espírito extremo.
Ela, Mãe, fonte de amores,



Fazei que estas fortes dores
Eu sinta, e convosco chore.
Fazei que a alma se me inflame,
Porque a Cristo-Deus só ame,
E só busque o seu agrado.
Santa Mãe, isto vos peço,
Fique bem meu peito impresso
Das chagas do Crucifixo.
De vosso Filho chagado
O que por mim se há dignado

Algumas comemorações da quinzena:

- 08/09 - Natividade de Nossa Senhora
- 12/09 - Santíssimo Nome de Maria; São João Crisóstomo
- 14/09 - Exaltação da Santa Cruz
- 15/09 - Nossa Senhora das Dores

Sofrer, reparti comigo.
Fazei-me, enquanto viver,
Com meu Jesus condoer,
Convosco chorar deveras.
Junto à cruz convosco estar,
Vosso pranto acompanhar
Unicamente desejo.
Virgem das virgens preciares,
Não sejais comigo avara,
Fazei-me chorar convosco.
Fazei que eu seja consorte
Das chagas, paixão e morte
De Cristo, e em mim se vejam.
Fazei-me delas chagado,
Desta cruz embriagado,
Por amor do doce Filho.
Porque a chama não me queime,
Doce Virgem, defendei-me
No derradeiro juízo.
Ao sair do corpo esta alma,
Dai-me da vitória a palma
Por vossa Mãe, ó Jesus.
Quando a morte me levar,
Fazei que a alma vá gozar
A glória do Paraíso. Amém.

EXPEDIENTE

3º Milênio é um informativo de divulgação de iniciativa pessoal, sem fins lucrativos. Todos os artigos publicados são resultado de pesquisas em fontes católicas com aprovação eclesial, salvo quando explicitado o contrário.

Colaboração: Maria da Encarnação Caetano de Souza (Movimento do Rosário Permanente).

Redação e diagramação: Maria Alice Soares de Castro

Este informativo pode ser copiado e impresso, desde que seja distribuído gratuitamente e sem alterações. Qualquer modificação deve ser comunicada para o

endereço leiameterra.com.br. Reproduções dos artigos integrais são permitidas, desde que citada a fonte, com o endereço de e-mail para contato e o endereço do site para referência: [http://brasil.terravista.pt/Clareidade/2154/](http://brasil.terraviva.pt/Clareidade/2154/)

Índice de colunas

Devoção do mês 2

Devoção do mês

Nossa Senhora das Dores

O frei Agostinho de Santa Maria, referindo-se aos motivos iniciais do culto aos sofrimentos de Nossa Senhora, que se distribuem por variadas invocações, da “Piedade”, da “Soledade”, do “Pranto”, e, por fim, mais recentemente, das “Dores”, escreve que “ainda que todos os mistérios que celebra a piedade cristã de Maria Santíssima, se devem ter mui presentes para a veneração e para a contemplação, este do seu pranto e as lágrimas que esta soberana Senhora chorou na morte do seu amado Filho, devemos fixar na nossa memória e estampar na nossa imaginação.”

Explica ainda, que esse culto se inspira no Eclesiastes, que nos ensina que não devemos esquecer os suspiros e as lágrimas de nossa mãe: GEMITUS MATRIS TUAE NE OBLIVIFICARIS.

O Apóstolo São Paulo, em uma das suas cartas, adverte também que “quem se compadecer do que padece, reinará com o mesmo que padece.”

Santa Isabel, Rainha da Hungria, teve uma aparição na qual São João Evangelista lhe revelou que, depois da Assunção da Virgem, lhe fora dada a visão do primeiro encontro da Mãe com o Filho, fora da terra. Segundo o autor que narrou a visão de Santa Isabel, “*via o Discípulo Amado, em espírito, que a Mãe de Deus com seu amoroso Filho, falava das dores que alternadamente padecerem entre ambos no Calvário; o Filho na Cruz e a Mãe em seu coração e em sua alma. E que acabada a prática, pediu a Senhora ao Santíssimo Filho, àqueles que de suas dores, lágrimas e suspiros se compadecem e o tivessem na sua memória, lhes concedesse singulares privilégios e graças: e condescendendo o Senhor Jesus Cristo com a petição de sua Santíssima Mãe, lhe concedeu quatro prerrogativas singulares que foram as seguintes:*

1) O que invocar a Virgem Maria por suas dores e prantos, alcançará a dita de fazer penitência verdadeira dos seus pecados antes de morrer.

2) Em todas as suas adversidades e trabalhos, e com singularidade na hora da morte, terá a proteção e o amparo de Nossa Senhora das Dores.

3) O que por memória na das dores e prantos de Nossa Senhora, incluir em seu entendimento as da Paixão, gozará, no Céu, de prêmio especial e particular.

4) Quanto pedir a esta Soberana Senhora em ordem à sua salvação e utilidade espiritual lhe concederá.”

Foi por isso que desde remotos tempos, muitas fervorosas devoções se dirigiram as dores de Maria, criando-se imagens históricas de seus sofrimentos. “A Piedade”, representa a Senhora tendo seu Filho morto nos braços. Da Soledade, é Maria isolada, levantando os olhos ao Céu ou então para a Cruz tendo nos braços o Santo Sudário.

Somente nos começos do século dezoito a invocação de “Dores”, começou a ter culto singular, sendo de notar que antes eram muito raras as invocações de Nossa Se-

nhora das “Dores”, em contraste com as demais que lhe relembram os seus sofrimentos de Mãe.

Segundo Senna Freitas em seu livro “Memórias de Braga”, a invocação das Dores começou a ser pública e específica, desde que o Papa Benedito XIII em 22 de agosto de 1727 mandou que se rezasse sobre as “Dores de Nossa Senhora”, determinando que nos Breviários, por adição fosse inscrita. O Papa Benedito XIV “notando a razão da festa, satisfaz as dúvidas que se poderiam o- por.” E sustenta o parecer de que Nossa Senhora não chorara estando junto da Cruz, e procura confirmar a razão do hino STABAT MATER de que assevera não ser composição nem de São Gregório Magno nem de São Boaventura, como disseram e afirmaram alguns autores, mas sim do Sumo Pontífice Inocêncio III. De qualquer modo, os artistas interpretaram a Senhora das Dores em pranto, tendo no peito atravessadas, ora uma, ora sete espadas, mas todos eles dando ao rosto da Mãe de Jesus uma expressão de “Angústia”, o que fez com que durante muito tempo, antes da definição específica de “Dores”, denominava, o povo, a imagem da Senhora.

Coube à Congregação do Oratório, em sua Casa de Braga, organizar em Portugal o culto de tão grata invocação, estabelecendo os oratorianos uma Confraria de “Servos de Nossa Senhora das Dores”, que logo passaram a ser denominados de “Servitas”, e que se transformou em Irmandade de Nossa Senhora das Dores e Calvário, pois que a imagem das Dores estava colocada junto de uma Cruz, onde estava crucificado o seu Filho. Era a tradução em arte, dos versos de Inocêncio III:

STABAT MATER DOLOROSA
JUSTA CRUCEM LACRIMOSA
DUM PENDEBAT FILIUS.

Estava a Mãe Dolorosa
Ao pé da cruz lacrimosa
E o Filho pendente dela.

(Fonte: *Nossa Senhora de Todos os Povos* - <http://www.geocities.com/Heartland/Bluffs/6737/>)

Coroa de Nossa Senhora das Dores

D- Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

R- Amém!

D- Nós vos louvamos, Senhor, e vos bendizemos!

R- Porque associastes a Virgem Maria à obra da salvação.

D- Nós contemplamos vossas Dores, ó mãe de Deus!

R- E vos seguimos no caminho da fé!

Primeira Dor - Profecia de Simeão

(rezar em todas as dores 1 Pai Nosso; 7 Ave Marias)

Segunda Dor - Fuga para o Egito

Terceira Dor - Maria procura Jesus em Jerusalém

Quarta Dor - Jesus encontra a Sua Mãe no caminho do Calvário

Quinta Dor - Maria ao pé da Cruz de Jesus

Sexta Dor - Maria recebe Jesus descido da Cruz

Sétima Dor - Maria deposita Jesus no Sepulcro

As Santas Relíquias da Paixão

Existem relíquias do tempo de Jesus que a Igreja aceita como dignas de veneração. A maioria delas foi venerada em Jerusalém por vários séculos, sendo depois levadas para Constantinopla e países da Europa.

A relíquia mais conhecida e mais discutida é, sem dúvida, o Sudário de Turim. Ao lado dele, o Sudário de Oviedo completa o testemunho da Paixão de Jesus, juntamente com a pouco conhecida Santa Túnica de Argenteuil. A recuperação dessas relíquias começou com Santa Helena, mãe do Imperador Constantino. Este artigo é apenas um breve relato sobre o caminho percorrido por todas essas evidências históricas da Paixão do Senhor.

A missão de Santa Helena

Logo após o Pentecostes, os judeus iniciaram uma grande perseguição aos cristãos, que só cessou após a destruição de Jerusalém. Mas começaram então as perseguições por parte dos romanos, sob o Imperador Nero, no ano 64. Durante todo esse tempo, as relíquias mais caras do cristianismo ficaram sob a guarda dos Apóstolos, ou simplesmente ocultas em lugares conhecidos apenas dos cristãos.

No ano 313, Constantino emitiu o Édito de Milão, que declarou o cristianismo uma religião a ser tolerada e libertou todos os prisioneiros religiosos. Segundo alguns historiadores, sua mãe, Helena, foi batizada aos 63 anos de idade. No ano 324, Constantino unificou os Impérios do Oriente e do Ocidente e mudou sua capital para Bizâncio (mais tarde denominada Constantinopla).

Representando seu filho, Santa Helena fez nessa época uma peregrinação à Terra Santa, descobrindo que, em Jerusalém, o Imperador Adriano havia construído um templo a Afrodite sobre o Calvário e o Santo Sepulcro. Santa Helena ordenou a remoção do templo pagão e supervisionou a construção de uma igreja — a Igreja do Santo Sepulcro.

A descoberta da Santa Cruz

Uma tradição conta que Santa Helena teve um sonho no qual a Cruz do Senhor era descoberta. De acordo com esse sonho, orientou seus trabalhadores na escavação que descobriu três cruzes em uma cisterna a leste do Monte Calvário, no dia 3 de maio de 326, na construção da Igreja do Santo Sepulcro.

Conta também uma tradição que, tendo Santa Helena encontrado três cruzes, para descobrir qual delas era a Cruz de Cristo, tocaram-nas em uma mulher muito doente. Duas cruzes a tocaram, sem efeito algum. Assim que a terceira cruz a tocou, a mulher ficou curada imediatamente: desse modo foi identificada a Cruz de Cristo. Uma parte da Cruz foi mantida em Jerusalém; a parte principal foi enviada a Roma e outras partes foram para Bizâncio. Muitos fragmentos pequenos foram distribuídos para grande número de igrejas.

Além da Cruz de Jesus, Santa Helena recuperou várias relíquias que ficaram por muitos séculos expostas à veneração em Jerusalém, na Basílica do Monte Sião.

No caminho das relíquias

Logo depois de encontradas, uma a uma as relíquias da Paixão começaram uma verdadeira peregrinação pelas cidades mais proeminentes do Império Romano e por toda Europa, sendo espalhadas pela devoção de reis piedosos e pela perseguição religiosa.

A Coroa de Espinhos

Uma tal Coroa (Jo 19,2; Mc 15,17; Mt 27,29) teria sido um trançado em forma de capacete, cobrindo toda a cabeça de Nosso Senhor. Os galhos espinhosos usados para isso, seriam de um arbusto encontrado com abundância nos arredores de Jerusalém. Os galhos torcidos desse arbusto são munidos de espinhos que crescem aos pares, um espinho reto e um espinho curvo.

Há registros que afirmam que a Coroa de Espinhos do Senhor foi transferida para Constantinopla por volta de 1063. Mas, antes disso, vários espinhos já haviam sido separados da Coroa e enviados para basílicas, imperadores e reis cristãos. Quando Constantinopla já não era mais considerada um local seguro contra os sarracenos e os gregos, o Imperador Balduíno entregou a Coroa de Espinhos ao Rei da França (São Luís), em 1238. Alguns espinhos foram distribuídos pelo rei francês para várias igrejas e também foram feitas réplicas deles.

Em 1239, a Coroa foi recebida solenemente em Paris, sendo transferida mais tarde para a *Saint Chapelle* (Santa Capela). Durante a Revolução Francesa, ficou abrigada na Biblioteca Nacional de Paris. Em 1806 foi finalmente restabelecida à Igreja e levada à Catedral de Notre Dame, onde permanece até hoje, sendo exposta à veneração dos peregrinos todos os anos, na Sexta-feira Santa.

Atualmente, a Coroa de Espinhos consiste apenas de um aro de 21 centímetros de diâmetro, mantida em um relicário de vidro. Além dos sessenta ou setenta espinhos separados por São Luís para presentear igrejas, reis e imperadores, muitos ainda hoje preservados e venerados em toda a Europa, alguns pequenos fragmentos da Coroa são mantidos em outras duas cidades da França.



Santa Helena não se tornou santa simplesmente por ter encontrado a Cruz de Cristo. Ela amou os pobres e estava continuamente em veneração na igreja à vista de todos: a Imperatriz romana humildemente vestida entre as mulheres que ali rezavam. Além disso, embelezava as igrejas com ornamentos e decorações, sem esquecer as capelas das vilas mais humildes. Ela construiu basílicas no Monte das Oliveiras e em Belém, viajou por toda a Palestina e era conhecida por sua gentileza com os soldados, com os pobres e prisioneiros.

Os Santos Cravos

Os 3 Cravos encontrados juntamente com a Cruz, ficaram em Constantinopla até 550, quando foram levados a Roma. Foram feitas réplicas que tinham pequenas raspas dos Cravos originais, ou que simplesmente tocavam uma dessas relíquias.

Santo Ambrósio conta que Santa Helena tinha um cravo convertido em rédea como presente para o filho Constantino e que um diadema imperial foi feito do outro cravo. São Gregório de Tours fala de um cravo que teria sido atirado ou provavelmente apenas mergulhado no Mar Adriático por Santa Helena, para acalmar uma tempestade.

Muito pouca confiabilidade pode ser dada à autenticidade dos trinta ou mais Santos Cravos que ainda são venerados, ou que tenham sido venerados até tempos recentes. Provavelmente a maioria surgiu pela fabricação de réplicas que tocavam ou continham dentro algum pequeno pedaço de um Cravo de origem mais antiga. Não havia consciência de fraude da parte de ninguém, mas dessa forma surgiram muitas imitações em pouco tempo, que eram declaradas como relíquias originais.

O Cálice Sagrado

É a relíquia sobre a qual mais lendas foram criadas. O 'Graal' seria o Cálice da Santa Ceia ou o recipiente que teria sido usado para recolher o Sangue de Cristo na descida da Cruz. Apesar do caráter aparentemente cristão da lenda do 'Graal', a Igreja não incorporou as várias histórias relacionadas a ele.



Isso se deve ao fato de que a tradição sobre o Cálice Sagrado não consta de escritos dos cristãos primitivos e aparece somente no século 12, devido à popularidade de um evangelho apócrifo. Vários detalhes extravagantes dessas lendas atribuem ao 'Graal' poderes típicos de objetos mágicos dos contos populares celtas.

Longe de aderir a lendas pagãs, a Igreja aceita como o Cálice da Santa Ceia o *Santo Cálice de Valência*, mantido na Catedral daquela cidade, na Espanha.

Na foto acima, o cálice original é apenas a parte superior, colocada em um pedestal que faz as vezes de um relicário, adornado com jóias.

O Título da Cruz (“*Titulus Crucis*”)

A inscrição “INRI” (Jesus Nazarenus Rex Iudaeorum – Jesus Nazareno, Rei dos Judeus – Jo 19,19) foi encontrada por Santa Helena junto com a Cruz de Cristo e os três Cravos. Essa relíquia foi dividida em três partes, sendo uma deixada em Jerusalém, outra enviada ao Imperador Constantino e a terceira levada para Roma, para a capela particular de Santa Helena. Posteriormente essa capela foi ampliada e consiste hoje na Igreja da Santa Cruz de Jerusalém, em Roma. Tendo sido emparedado, o título só foi mostrado publicamente em 1492.

Especialistas em arqueologia disseram que a inscrição data do primeiro ao quarto século depois de Cristo,



feita em madeira de oliveira.

A primeira linha está em hebraico, na escrita típica do 2º período do templo de Jerusalém (primeiros dois séculos depois de Cristo). A segunda linha, em grego, tem o estilo de inscrições romanas do primeiro século até o início do quarto século. A terceira linha, em latim, tem o estilo decorativo de inscrições imperiais romanas do primeiro século.

A inscrição grega concorda com o estilo das palavras encontradas no Santo Sudário de Turim.

A lança de Longino

Da lança que abriu o Lado do Salvador (Jo 19,34), nada se sabe até o ano 570, por um relato de Santo Antonino de Piacenza descrevendo as relíquias que viu na basílica do Monte Sião: “a coroa de espinhos com a qual Nosso Senhor foi coroado e a lança com a qual foi atingido no lado”. No ano 615, Jerusalém foi capturada por um tenente do rei persa. As sagradas relíquias da Paixão caíram nas mãos dos pagãos e a ponta da lança, que tinha sido quebrada, foi levada a Constantinopla, sendo depositada na igreja de Santa Sofia. Séculos mais tarde, em 1244, foi dada por Balduino a São Luís e entronizada juntamente com a Coroa de Espinhos na *Sainte Chapelle*. Durante a Revolução Francesa essas relíquias foram removidas para a biblioteca Nacional e, embora a Coroa tenha sido preservada, a ponta da lança acabou sendo perdida.

O pedaço maior da lança também era venerado na igreja do Santo Sepulcro. Acredita-se que tenha sido levada, junto com a ponta, para Constantinopla. Foi então depositada em várias igrejas sucessivamente. Em 1357 a relíquia teria sido vista em Paris e em Constantinopla, e esta segunda era muito maior que a de Paris. O que quer que fosse a relíquia de Constantinopla, caiu nas mãos dos turcos e em 1492 o Sultão Bajazet a enviou para o papa Inocêncio VIII para pedir pelo seu irmão que era prisioneiro do Papa na época. Desde essa data, a relíquia jamais saiu de Roma, onde é preservada na Basílica de São Pedro.

Anos depois do traslado da lança a Roma, um desenho da ponta mantida em Paris foi comparado com a lança e constatou-se serem partes da mesma arma. Assim se dissolveram as dúvidas a respeito da relíquia de Roma, desfazendo-se também uma lenda sobre a descoberta da lança durante a primeira Cruzada.

O pilar da flagelação

Foi conservado com outras relíquias na Basílica do Monte Sião em Jerusalém, onde permaneceu até 1213. É de mármore cinza ou branco e preto, de meio metro de altura, 30 cm de diâmetro na parte inferior e 20 cm de diâmetro no topo, onde há um anel de ferro ao qual os criminosos eram atados. Atualmente está na capela da igreja de São Praxedes em Roma.

A Santa Túnica de Trier

No século sexto já se falava de uma túnica do Senhor que era venerada pelos fiéis. Há uma tradição de que Santa Helena enviou uma túnica a Tréveris. Mas relatos do século VI e VII falam de outra túnica do Senhor, que se achava na igreja dos Santos Anjos de Gálata, perto de Constantinopla, na qual se estabelecera a legião romana que, nos tempos de Jesus Cristo, tinha estado de guarnição em Jerusalém.

Trier é a cidade mais antiga da Alemanha e foi uma das cidades mais ricas sob o domínio romano. Um de seus nomes em tempos antigos era Tréveris. Diversos documentos afirmam que desde meados do ano 1100 os seus habitantes tiveram a certeza de possuir uma Túnica do Senhor e que ela tinha sido levada até eles por Santa Helena, por volta do século quarto. Alguns diziam ser a túnica inconsútil, e outros que era a roupa púrpura com a qual Jesus foi vestido na Sua Paixão.

A presença da Túnica na catedral de Trier foi oficialmente registrada pela primeira vez em 1196, quando foi embutida em um dos altares. Em 1512 o altar foi reaberto e a veste exposta pela primeira vez. Pesquisas feitas nos anos 1890 e 1891 provaram que o material do tecido de cor amarronzada tem toda aparência de linho ou algodão. Foi impossível descobrir quaisquer traços de costuras originais na relíquia, que é coberta em ambos os lados por véus protetores.

Essa Túnica, que foi grandemente alterada ao longo dos anos e agora contém pedaços de tafetá e seda, foi mergulhada em uma solução de goma no século 19, numa tentativa de preservá-la.

Vestuário no tempo de Jesus

Por volta do primeiro século, a indumentária masculina era composta habitualmente de várias peças:

- a primeira, mais interior, envolvia a cintura;

- a segunda era uma túnica de baixo, que ia até os joelhos (esse é o caso da Túnica de Argenteuil, na foto à direita);



- a terceira, uma túnica exterior que ia até os pés (seria esta a túnica de Trier, vista na foto à esquerda).

No tempo mais frio, usava-se ainda uma túnica mais grossa por cima.

Por fim, o manto dobrado sobre os ombros, e sandálias.

A Santa Túnica de Argenteuil

Os primeiros sinais de uma Santa Túnica na França aparecem em 856. A tradição afirma que Carlos Magno recebeu a relíquia como presente da Imperatriz Irene de Constantinopla no ano 800. Carlos Magno fez entrega do presente a sua filha, que era abadessa do mosteiro de Argenteuil, de religiosas da nobreza. Esse mosteiro passou aos beneditinos em 1129.

Em 1567 os huguenotes invadiram a cidade e queimaram todos os seus edifícios e objetos religiosos. A Santa Túnica escapou da destruição embutida num relicário em uma parede do mosteiro. Mais tarde voltou a ser objeto de culto público, até a Revolução Francesa. Após um saque ao convento beneditino, a Túnica foi transferida da igreja do convento para a igreja da paróquia. Em 1793, temendo que a relíquia fosse subtraída e desonrada, o pároco Ozet tirou-a de seu relicário e cortou-a em pedaços, distribuindo-os entre fiéis de confiança. A parte principal, ele enterrou no jardim de sua casa paroquial, na presença do sacristão. Se não fosse por essa providência, a Túnica teria desaparecido. Passado o terror, recolheu todos os fragmentos e os colocou num relicário. Mas um pedaço da parte dianteira não foi encontrado e alguns pedaços haviam sido tirados como relíquias. O traslado para a nova igreja de Argenteuil aconteceu em 1865. Hoje ela é conservada enrolada, dentro de um pequeno relicário de um palmo e meio, colocado num altar lateral da basílica.

Ao dividir a túnica em pedaços, o pároco Ozet havia tomado a precaução de conservar sua forma. A abertura do pescoço, as mangas e a parte posterior se mantiveram intactas. Assim, ao serem meticulosamente rejuntados os pedaços em 1804, não houve dúvidas sobre o modelo dessa veste nem sobre sua inconsutilidade. Os diferentes reparos que foram necessários e a costura de cetim branco feita em 1892 felizmente em nada alteraram sua forma ou trama.

Na Túnica de Argenteuil há abundantes manchas de sangue, visíveis com dificuldade a olho nu e apenas à luz do dia. Enchem quase toda a parte de trás da túnica, mas aparecem também na parte da frente. As análises concluíram que a Túnica vestiu um corpo, pois o sangue marca o lugar de saliências anatômicas, e estava em contato direto com a pele. As manchas concordam com marcas da flagelação, semelhantes às encontradas no Sudário de Turim. O homem que a vestia levou uma carga nas costas, cujo peso fez ficar em carne viva as chagas da flagelação. Além disso, as manchas de sangue indicam que o peso que causou as chagas e tumefações perto da omoplata esquerda era de fato uma cruz – dois madeiros cruzados – e não apenas um patíbulo. Isso reafirma a historicidade dos Evangelhos, que falam de cruz e não de patíbulo, o que parecia incorreto tendo em vista que os romanos não costumavam obrigar o condenado a carregar a cruz inteira, deixando o tronco principal no local do suplício e forçando o sentenciado a levar a trave da cruz – o patíbulo.

A Túnica de Argenteuil é inconsútil, isto é, tecida numa única peça de cima a baixo, sem costura alguma.

A Túnica de Trier também é inconsútil.

A Túnica de Argenteuil, uma relíquia Mariana!

Em 1893, os diretores técnicos das Manufactures Nationales des Gobelins et de Beauvois, realizaram um minucioso estudo do tecido da Santa Túnica de Argenteuil, produzindo relatórios dos quais tomamos alguns trechos:

“A matéria-prima do tecido é apenas lã fina” (a túnica de Trier é de fibra vegetal). “O tecido foi confeccionado num tear muito primitivo, mas apesar disso o trabalho é muito regular”. “A espessura dos fios é de uma regularidade notável, sobretudo em se tratando de fios obtidos por fiação manual”. Apesar de o trabalho ter sido feito num tear rudimentar, a trama não é frouxa, “não se moveu nada depois de vinte séculos. Continua na mesma linha do primeiro dia em que foi feita”.

Os fios são de espessura variável, de quatro ou cinco fibras; “mas isto revela ainda melhor o sistema caseiro de fazer o fio e o acabamento dessa fiação. A fiandeira na época usava o fuso, que dava muito menos tensão à lã”. Além disso, os panos ficavam com caroços nos pontos em que os fios precisavam ser engrossados. Portanto, “era necessária uma habilidade notável para chegar a um rendimento regular no tecido a mão, com meios tão precários”.

“A pessoa que confeccionou esta túnica trabalhou com consciência. E seguiu a lei, pois a confecção da abertura do pescoço indica que observou o costume vigente em Israel desde os tempos de Moisés, isto é, que o pescoço é feito do reverso do tecido, guardado de uma borra da mesma fibra. A despeito de sua pobreza e da obscuridade de sua condição, a trabalhadora empregou lã fina. Procurava qualidade para vestir sua família. Tudo na Santa Túnica é escolhido, tudo é de qualidade, delicado, esplendidamente confeccionado”.

A Verônica

Verônica é um nome originado provavelmente de *Vera-ikon*, ou: *verdadeira imagem* – do Senhor. Desde os primeiros relatos de sua existência, conquistou o coração dos cristãos. Logo surgiram lendas piedosas sobre sua origem milagrosa. Segundo a versão mais comum, seria o véu que uma mulher piedosa chamada Verônica oferecera a Jesus para enxugar seu rosto, no caminho para o Calvário. E ele, como recompensa, teria deixado impressa no lenço a imagem de seu divino rosto. A difusão dessa lenda deveu-se à inserção da cena na prática da Via Sacra, a partir da última fase da Idade Média. Alguns identificam a lendária mulher como Berenice, Bermike ou Beromike, que Jesus havia curado de um fluxo de sangue constante (Lc 8,44). O historiador eclesiástico Eusébio (no princípio do século IV) diz que essa mulher (sem citar seu nome) levantou um monumento a Jesus ao lado de sua casa, em Cesaréia de Filipe, como sinal de gratidão pelo benefício dele recebido. Contudo não há referência ao fato de a mulher haver enxugado o rosto de Jesus, a caminho do Calvário.

Ainda existem várias “Verônicas” que disputam o reconhecimento de autenticidade. Análises no véu mantido no Vaticano, comparando-o com a figura do Sudário de Turim, demonstraram que o rosto em ambos é o mesmo. Como as impressões do Sudário são negativas e as da imagem do véu da Verônica são positivas, deduziu-se que a *Vera-ikon* é uma cópia direta, tirada do Santo Sudário por algum meio de reimpressão e depois completada por um artista desconhecido. Existem nela sinais evidentes de um retoque.

O Sudário de Oviedo

A Enciclopédia Universal Judaica cita a prescrição segundo a qual, quando um cadáver tinha o rosto desfigurado ou mutilado, era imprescindível que fosse coberto com um pano para ocultá-lo. Os Evangelhos citam os panos funerários, usados nos sepultamentos dos judeus. Apesar de chamarmos de “sudário” a mortalha que envolve o corpo inteiro, sudário é, na verdade, apenas o pano que envolvia a cabeça dos defuntos.

Existem realmente dois sudários que estiveram em contato com o corpo de Jesus: o que cobria o corpo inteiro – o Santo Sudário de Turim – e outro que teria sido usado para cobrir o rosto de Jesus do Gólgota até o sepulcro (do qual dá testemunho São João Evangelista em Jo 20,7). Este Sudário foi levado de Jerusalém por volta do ano 614, quando a cidade foi atacada pelos persas. Ele passou então pelo norte da África e chegou a Oviedo, onde se encontra desde o ano 1113.

O estudo geométrico das manchas que aparecem neste Sudário demonstra que o pano foi colocado sobre um rosto ensangüentado. Há compatibilidade entre as manchas do Sudário de Oviedo e o Rosto impresso no Sudário de Turim, com coincidência de detalhes.

Análises hematológicas concluíram que o sangue no Sudário de Oviedo é do tipo AB (assim como o sangue encontrado no Sudário de Turim e no Milagre Eucarístico de Lanciano).

O Sudário de Turim

Este Sudário – também chamado Síndone – é a relíquia mais conhecida do cristianismo e provavelmente a que passou por mais aventuras em suas peregrinações pela Ásia e Europa. Além disso, é também a relíquia mais detalhadamente estudada por cientistas.

Depois de encontrado vazio na manhã de Páscoa, (como testemunha Jo 20,5-6), o Sudário só aparece em registros do segundo século, em Edessa (hoje Urfa, na Turquia). Pelo fato de ser mantido dobrado, era conhecido apenas como uma extraordinária imagem do rosto de Jesus em um tecido (a “verdadeira imagem” de Jesus – *Vera-ikon* ou “Verônica”). No ano 525, durante os trabalhos de restauração da igreja de Santa Sofia de Edessa, é redescoberta a imagem do rosto de Jesus, então chamada *mandylion* (lenço).

Em 944 os exércitos bizantinos, durante uma campanha contra o sultanato árabe de Edessa, tomam posse do *mandylion* e o levam solenemente para Constantinopla, em 16 de agosto. Somente então se constata que, na realidade, tratava-se do Sudário dobrado.

Durante as Cruzadas, o Sudário desaparece de Constantinopla. Em 1356, um cavaleiro cruzado entrega o Sudário aos cônegos de Lirey, em Troyes, na França. Em 1453, a Santa Síndone é cedida a Ana de Lusignano, esposa do duque Ludovico de Sabóia, que o guarda em Chambéry. Em 1532 acontece um incêndio em Chambéry, na noite de 3 para 4 de dezembro. Um lado incandescente da urna de prata que continha o Sudário queima o tecido ao longo das dobras; algumas gotas de metal fundido atravessam as várias camadas. Dois anos depois, as clarissas costuram os remendos.

Por motivos de guerra, em 1535 a Síndone é transferida para Turim e, depois, para Vercelli, Milão, Nice e novamente Vercelli onde permanece até 1561, quando é levada de volta para Chambéry.

Em 1578 o Sudário é levado para Turim, para abreviar a viagem de São Carlos Borromeu, que queria venerá-lo, em cumprimento de um voto. Em 1º de junho de 1694 o Sudário é posto definitivamente na capela construída pelo arquiteto Guarino Guarini, anexa à catedral de Turim. Nesse ano, o bem-aventurado Sebastião Valfrè reforça os remendos e as cerzaduras.

O ano de 1898 assinala a primeira fotografia, feita por Secondo Pia entre 25 e 28 de maio. A emocionante descoberta do negativo fotográfico revela com incrível precisão a figura do Homem do Sudário. Iniciam-se estudos e pesquisas, especialmente médico-legais.

Em 18 de março de 1983, morre Umberto II de Sabóia. Em testamento, ele doa o Sudário à Santa Sé. Por decisão do Papa, a relíquia continua em Turim e é confiada à guarda do Cardeal-Arcebispo Anastásio Ballestrero.

No dia 24 de fevereiro de 1993, o Sudário é transferido temporariamente para trás do altar-mor da catedral de Turim, para que se realizassem os trabalhos de restauração da capela de Guarini. Na noite de 11 para 12 de abril de 1997, um incêndio causa danos gravíssimos à capela do Sudário, e se alastra pelo interior da catedral. Os bombeiros foram obrigados a quebrar o vidro à prova de bala para salvar o Sudário. No dia 14 de abril uma comissão de peritos examinou o estado do lençol. Constatou-se que não houve nenhum dano.

Quem poderia ser o “Homem do Sudário”?

O homem do Sudário teve, como Jesus Cristo, um lençol como mortalha e foi sepultado honrosamente. A maior parte dos crucificados executados pelos romanos eram abandonados, como pasto, às aves de rapina e às feras selvagens, ou então atirados numa vala comum...

O crucificado do Sudário, como Jesus, permaneceu pouco tempo envolto em seu lençol mortuário. De fato, para que a marca das manchas de sangue que o pano apresenta pudesse ser produzida, seria preciso que o cadáver tivesse estado em contato com o pano pelo menos durante 24 horas, mas não muito mais do que 36 horas, já que a marca é perfeita, e além do mais a figura não apresenta nenhum sinal de putrefação. Quantos condenados tiveram o luxo de um lençol por mortalha, para tirarem-na tão pouco tempo depois?

O homem do Sudário foi separado do tecido com uma técnica misteriosa que deixou bastante nítidas

as marcas dos grumos de sangue, com sua correspondente espessura e sem nenhum borrão. O normal seria que os grumos aparecessem borrados. Com que outro crucificado poderia ter acontecido uma operação como essa, isto é, que se pudesse tirar o lençol que cobria seus ferimentos com sangue amolecido, sem borrar suas marcas?...

O crucificado do Sudário, como Jesus, foi pregado na cruz com cravos. Esse tipo de crucificação parece que era reservado a casos particulares. A maioria dos crucificados era amarrada ao patíbulo com cordas.

O crucificado do Sudário apresenta os ferimentos de uma coroa de espinhos. Caso raríssimo. Citam-se alguns exemplos de cristãos crucificados, nos quais, por zombaria, foi colocada uma coroa de espinhos na cabeça para que se assemelhassem mais a seu Mestre.

O crucificado do Sudário recebeu, como Jesus, uma lançada no lado. O costume era quebrar as pernas dos

Mesmo os apoiadores científicos do Sudário de Turim não apóiam a idéia de que seja usado como prova central da fé cristã. “É perigoso”, disse Piero Savarino, professor da Universidade de Turim. “A fé deve ser encontrada na palavra de Deus e Cristo, não na ciência”. Falando durante uma visita em maio de 1988 ao sudário em Turim, o Papa João Paulo II enfatizou que a Igreja não considera a autenticidade do sudário uma matéria de fé cristã. “Como não é uma matéria de fé, a Igreja não tem competência específica para se pronunciar sobre essas questões. Ela confia a tarefa da pesquisa aos cientistas; para chegar a respostas apropriadas para questões relacionadas a esse pano. O que realmente conta para os crentes é que o santo sudário é um espelho do Evangelho”, explicou o Santo Padre, destacando que existe convergência entre a narrativa do evangelho e a imagem do homem no pano.

Mesmo assim, vários ex-céticos descobriram que seus estudos do sudário os surpreenderam com um componente espiritual inesperado. “Quando realmente cheguei a aceitar a autenticidade do sudário há vários anos atrás”, disse Phillip Wiebe, professor de filosofia na Trinity Western University nos Estados Unidos, “eu realmente comecei a crer na ressurreição. Então achei que pela primeira vez na minha vida adulta eu também me sentia à vontade com os outros milagres do Novo Testamento, incluindo o nascimento virginal de Cristo. Eu me perguntei: ‘Se este homem teve um fim tão extraordinário, então como teria sido seu início?’”

“Subitamente descobri que se Jesus era o Deus-homem, deveria haver algum propósito por trás de sua morte. Eu então estava preparado para aceitar os outros ensinamentos fundamentais do cristianismo. Minha fé foi restaurada em uma série encadeada de iluminações no que posso apenas descrever como um maravilhoso ato de graça”.

http://www.staycatholic.com/the_shroud_of_turin.htm

condenados quando se pretendia acabar com eles. São João nota como é inesperado, insólito e excepcional o fato de não terem quebrado as pernas de Jesus, mas, ao invés disso, um soldado lhe abriu o lado com uma lança.

O rosto do homem do Sudário apresenta uma expressão majestosa e triste, mas ao mesmo tempo serena. É de uma formosura fora de série, que deixa muito longe as melhores tentativas dos artistas que têm procurado dar uma expressão adequada ao Filho de Deus feito homem. Pensemos em qualquer malfeitor condenado ao tremendo suplício da cruz, com cravos nos pulsos, flagelado sistematicamente, coroado de espinhos... Quantos deles teriam podido conservar, depois de tão horrível suplício, um rosto com expressão tão majestosa, serena e nobre?

Em resumo, é extremamente provável que o Sudário de Turim seja a mortalha que envolveu Jesus Cristo.

Descoberta recente ainda não foi estudada: o nome do condenado aparece no Sudário

O livro *O Sudário do Senhor* menciona uma descoberta que se poderia dizer *definitiva* a respeito do Sudário, mas que ainda merece estudos mais aprofundados.

O professor Aldo Marastoni, da Universidade de Milão, relata seu achado:

“Com grande surpresa, diante do silêncio total sobre o caso na literatura sindônica mais conhecida, constatei a existência, sobre o Sudário de Turim, de resquícios de algumas inscrições, em línguas e alfabetos diversos.

Na foto do rosto, devidamente filtrada, podem-se observar em cima da sobrancelha direita os sinais de três letras do alfabeto hebraico quadrado (...). ...as três primeiras letras constituem a parte final de uma palavra aramaica que acredito não ser possível reconstituir com certeza. O quarto sinal indicaria que, com aquela palavra, terminava a frase.

No centro da fronte, distinguem-se sinais de uma inscrição em caracteres latinos lapidários, de leitura muito incerta. São dois fragmentos de palavra alinhados (...). Na linha inferior parece ser possível reconhecer as letras IB; na superior se lê IBER, apesar de ser incerto o R final. A inscrição merece maiores exames, ainda que já se possa prudentemente excluir que se trate de pequenos sinais devidos à convergência meramente casual de outros fatores.

A origem de ambas as inscrições, a aramaica e a latina, só pode ser reconstruída por meio de conjecturas. Por motivos de ordem prática, deve-se excluir a possibilidade de que tenham sido traçadas diretamente sobre a fronte do condenado. Na verdade, penso numa mitra, um capuz de infâmia, feito de material permeável – papiro ou tecido – improvisado com meios ao alcance da mão, que levasse inscrita sobre a fronte a frase poliglota que constituía o motivo da condenação.”

Essa suposição do Dr. Marastoni pode parecer difícil e gratuita. Mas não é, se levamos em conta a antiqüíssima fórmula de condenação à morte na cruz, usada pelos diúviro: “*I lictor, colliga manus, caput obnubito, arbori infelici suspendito*”. “Vê, lictor, amarra suas mãos, veda sua cabeça, suspende-o da árvore infeliz”. Portanto, cobria-se-lhes a cabeça durante os preparativos. E, para cobrir-lhes a cabeça com eficácia, nada melhor do que lhes colocar uma mitra ou capuz que descesse até o pescoço. Nessa mitra ou capuz podia-se escrever a sentença.

O professor Marastoni continua:

“O contato com a fronte suada provocou a transposição de algumas letras sobre a testa. A dupla impressão IB-BER seria explicada por alguns ligeiros deslocamentos na posição da “mitra” durante a execução. É quase espontânea, por ser tão fácil, a tentação de ver em IB-BER o resíduo da palavra TIBERIUS CAES, o impera-

dor reinante na época da condenação. Contudo, como já vimos, essa área do Sudário merece exame mais atento para confirmar a hipótese. As poucas letras hebraicas observadas pertenceriam à parte final da mesma sentença, redigida no idioma local.

Sobre o lado esquerdo do rosto, com direção de baixo para cima, pode-se ler nitidamente, delineada com pincel, em caracteres iniciais cursivos do século I de nossa era, a palavra INNECE - ou seja, IN NECEM, com omissão do M final do acusativo, que já não era pronunciado na linguagem vulgar. Pode-se traduzir como “A morte” (...).

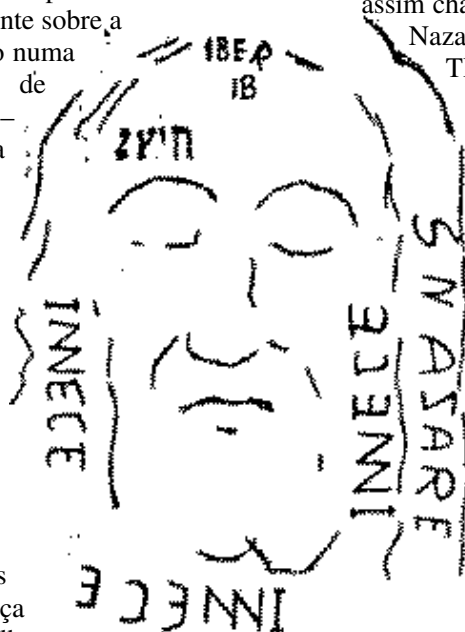
Na fotografia tridimensional de Tamburelli, é possível notar outra inscrição (...). Está localizada sobre o lado esquerdo do rosto, indo de cima para baixo, ao contrário da inscrição INNECE, à qual está justaposta. Dessa inscrição podem-se ver as letras: S N AZARE. Isto é, um S final de palavra, um espaço vazio, um N, outro espaço no qual parece ser possível reconhecer o sinal de um E... Segue-se um A, um Z, que foi traçado por alguém que colocou a linha oblíqua central erroneamente da esquerda para a direita, e depois as letras ARE. Evidentemente, trata-se do que resta da palavra NAZARENUS. Na verdade, seria a palavra NEAZARENUS, se fosse confirmada a letra E que não transcrevemos. (...)

A palavra NAZARENUS pode representar a prova histórica, que até agora faltava, da identidade entre o assim chamado “homem do Sudário” e Jesus de Nazaré; por outro lado, o nome de TIBERIUS CAES., se a leitura estiver correta, reforça essa identificação.”

Ainda são muitos os mistérios que rodeiam o Santo Sudário. Mas, seja o que for desta última hipótese, o fato é que uma inscrição semelhante sobre a Síndone é como a assinatura que identifica o homem nela representado:

TIBERIUS CAESAR
IESUS NAZARENUS
IN NECEM

TIBÉRIO CÉSAR
JESUS NAZARENO
CONDENADO À MORTE



Fontes consultadas:

Católicos Anônimos:

<http://www.catolicosanonimos.hpg.ig.com.br/tunicasagrada.html>

Enciclopédia Católica: <http://www.newadvent.org/>

Michael Hesemann: <http://www.michaelhesemann.com>

O Sudário do Senhor - Manuel Solé, SJ (Ed. Loyola)

Servas dos Corações Traspassados de Jesus e Maria:

http://www.corazones.org/jesus/sudario_oviedo.htm

The Shroud of Turin: <http://www.shroud.com/>